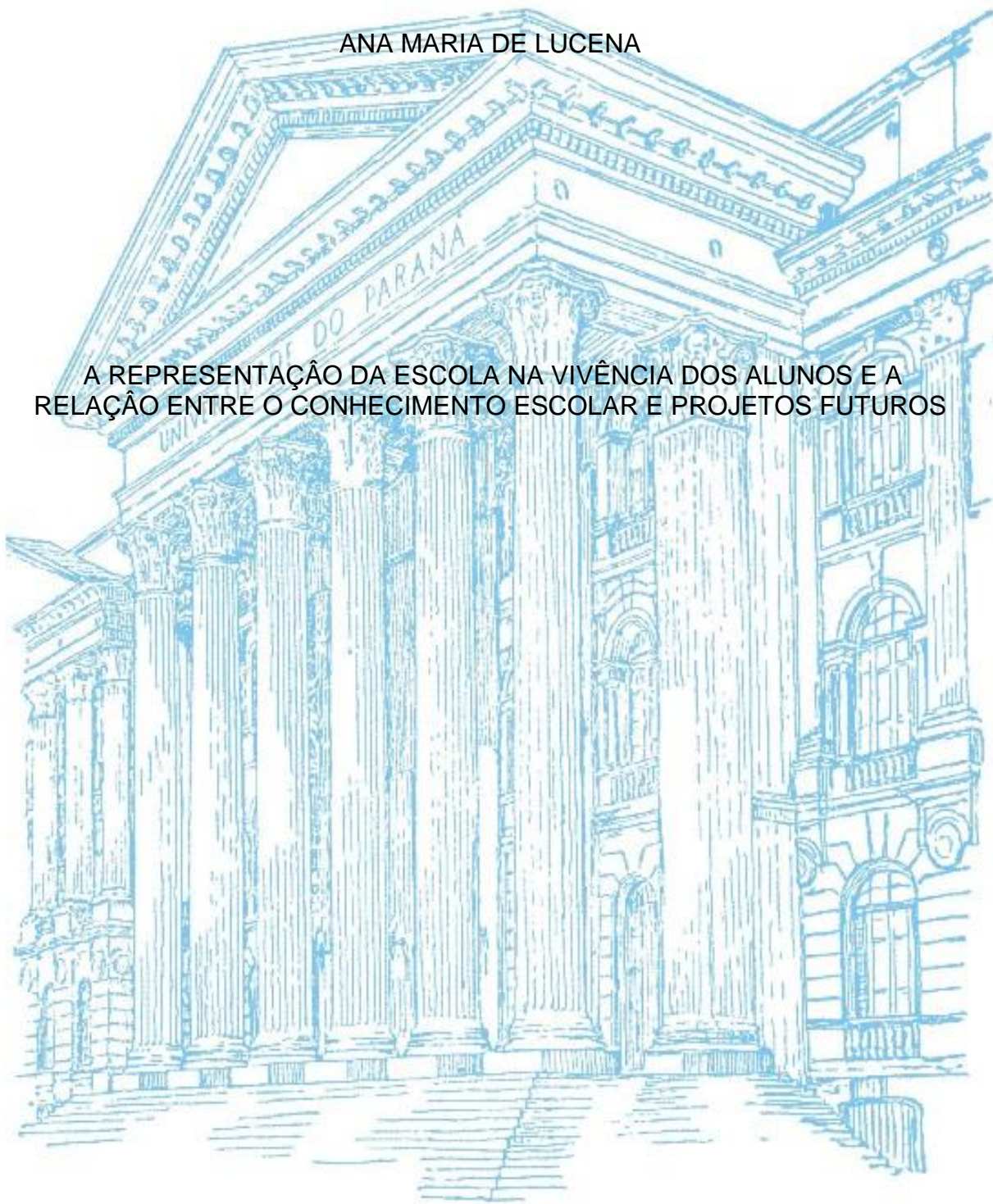


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ANA MARIA DE LUCENA

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA VIVÊNCIA DOS ALUNOS E A  
RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO ESCOLAR E PROJETOS FUTUROS



CURITIBA  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

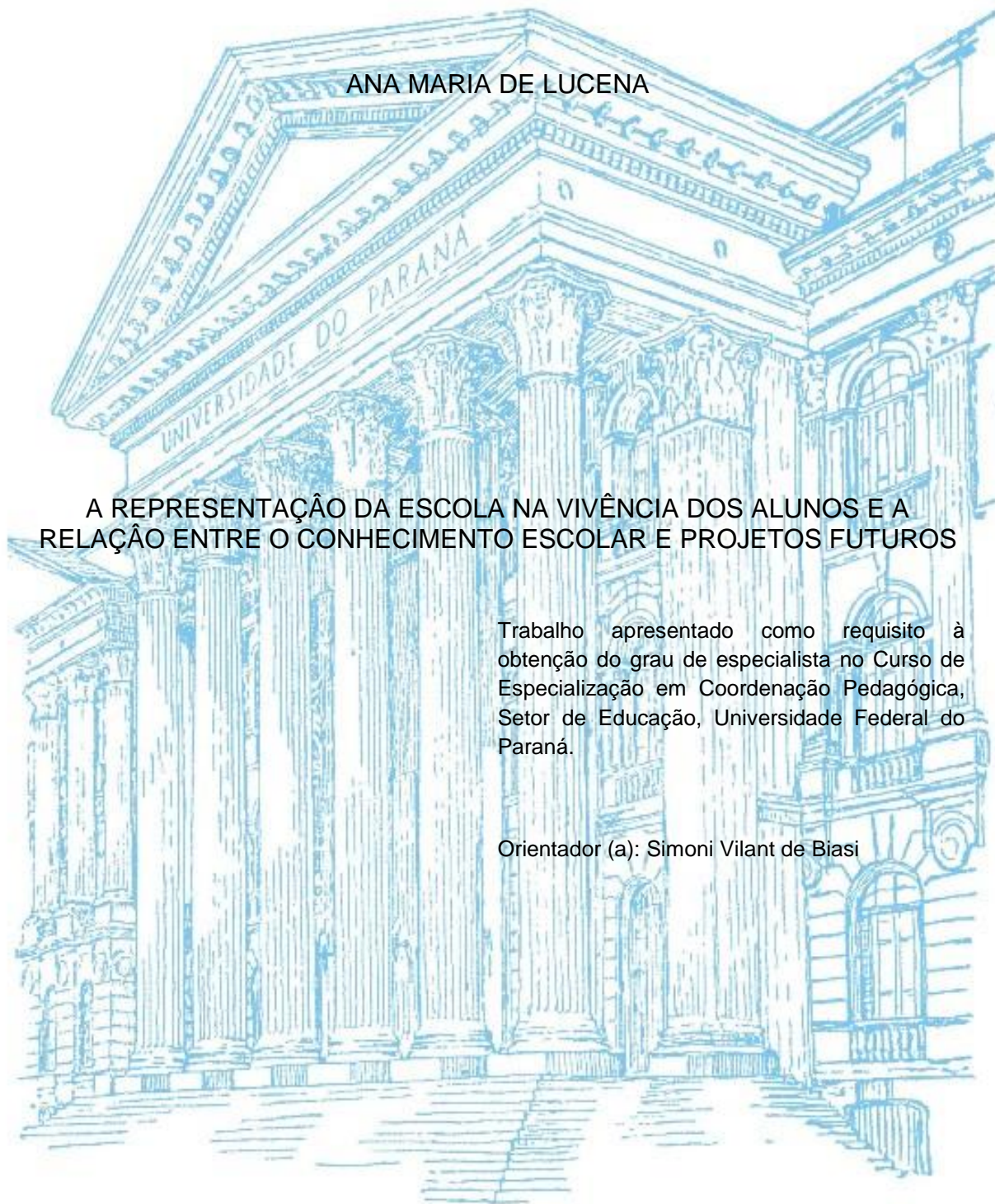
ANA MARIA DE LUCENA

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA VIVÊNCIA DOS ALUNOS E A  
RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO ESCOLAR E PROJETOS FUTUROS

Trabalho apresentado como requisito à  
obtenção do grau de especialista no Curso de  
Especialização em Coordenação Pedagógica,  
Setor de Educação, Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador (a): Simoni Vilant de Biasi

CURITIBA  
2014



# A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA VIVÊNCIA DOS ALUNOS E A RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO ESCOLAR E PROJETOS FUTUROS

Ana Maria de Lucena<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa em que se buscou compreender a representação da escola na vida dos alunos que frequentam os anos finais do Ensino Fundamental e jovens do Ensino Médio. Os recursos utilizados para a obtenção de informações e coleta de dados apoiam-se em entrevista semiestruturada e questionário respondido pelos alunos, visando uma sondagem de opiniões e argumentações do ponto de vista como estudantes quanto à atribuição de sentido em relação à escola e a prática pedagógica docente.

**Palavras-chave:** Representação da escola. Conhecimento escolar. Projetos futuros.

## Introdução

O presente trabalho aborda um estudo sobre a relação estabelecida entre alunos e escola como a organização dos saberes escolar é reconhecida por esses alunos de forma que o trabalho pedagógico desenvolvido no espaço escolar desperte-nos o interesse pela busca desse conhecimento, possibilitando assim a percepção da importância da escola para projetos, expectativas futuras e formação integral.

A intenção desta pesquisa e estudos é refletir a realidade da escola e alunados que dela participam conhecer, decidir e propor junto aos educadores a organização de uma prática pedagógica que promova o desenvolvimento dos mesmos e a valorização de suas potencialidades para que tenham o reconhecimento e a visão da escola como espaço de oportunidade, de ascensão social e que possam atender aos anseios, expectativas e projetos de vida, assegurando assim melhores condições humanas.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela aluna Ana Maria de Lucena do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Mestre Simoni Vilant de Biasi. E-mail: simonidebiasi@hotmail.com.

Neste texto serão apresentados alguns depoimentos e resultados por escrito de questionários respondidos pelos alunos que frequentam o ensino fundamental e médio da rede pública estadual do Paraná. Os alunos, por meio dos registros, ressaltam a importância da escola como socialização do conhecimento mais amplo, aumento de expectativas, motivação para os estudos e espaço diferenciado com possibilidades de atendimento a seus anseios. Assim, procurou-se destacar considerações teóricas de autores que estudam sobre o assunto, trazer amostras acerca das perspectivas do alunado em relação à escola, e, a partir das especificidades e características dos mesmos, os educadores possam trabalhar com alternativas metodológicas, intervenções pedagógicas e organização do trabalho na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas.

Num primeiro momento o trabalho aborda concepções de autores e descrição do perfil da realidade social e educacional que estão presentes na escola e nos alunos contemporâneos. A seguir, faz-se uma exposição da descrição de depoimento de alunos e, posteriormente, tecem-se algumas considerações sobre o papel social da escola e a organização pedagógica docente para atender às necessidades e expectativas dos alunos. Por fim, na conclusão, procura analisar e refletir sobre a importância da escola e o sentido que esta atribui na vida dos alunos, bem como a interação social e humana como fundamental para o processo educativo.

## **Revisão de Literatura**

O presente trabalho pretende abordar subsídios obtidos por meio de livros teóricos, artigos científicos e textos diversificados disponibilizados em revistas ofertadas pelo MEC, tais como: Presença Pedagógica e Pátio e também na interpretação de dados coletados com alunos do 9º ano (ensino fundamental) e jovens do ensino médio.

No artigo destacam-se aspectos relacionados à educação escolar e a percepção dos alunos quanto ao significado da escola em suas experiências cotidianas. De acordo com Dayrell (2007), os jovens levam consigo e acaba

repercutindo na escola suas experiências sociais e vivências. Isto, porém, vai influenciar nos sentidos atribuídos à escola.

Apesar da escola pública na contemporaneidade ser um processo de expansão de oportunidades, sendo acessível a todos, entra em contradição para muitos alunos, pois para esses a certificação escolar não é suficiente para garantir ascensão social e, também, para alguns, a escola fica dividida entre a valorização do estudo como promessa de um futuro melhor e a falta de sentido do presente.

Essa lacuna pode refletir em posturas como evasão e abandono escolar, indisciplina e recusa à participação das atividades propostas pelo professor. Em contrapartida, outros jovens fazem um esforço positivo para assimilar os conteúdos escolares e interagir com a escola, para eles esta não possui tanto significado, mas estuda para conseguir aprovação e o diploma. Paralelo a isso, na visão de outros jovens, a escola está organizada para dificultar o acesso, quando diz respeito às tensões, regras e normas; não sendo atrativa diante de inúmeras questões subjetivas postas na atualidade como: o telefone celular e suas mil e uma utilidades, necessidade do consumismo e outras. Ela continua reproduzindo desigualdades sociais, assim, certos alunos estão tendo dificuldades em encontrar nela sentido, dando ênfase no espaço- tempo presente, e isto resultam na inserção precoce no mercado de trabalho que irá satisfazer seus desejos imediatos determinados pelo consumismo.

Nagel (2005) nos coloca as características que marcam o aluno contemporâneo, bem como o papel da escola frente à cultura que perpassa o cenário atual na educação. Ela nos faz refletir em relação à cultura que vivenciamos no contexto atual, de modo que convivemos com ela com certa naturalidade.

O indivíduo se caracteriza pela busca incessante do prazer, satisfação imediata e as exigências relativas à individualidade tornam-se uma obsessão e a subjetividade torna-se radical. Produziu-se uma geração voltada para si mesmo e paralelo a isso passa preferencialmente seu tempo em frente à TV, à internet, aos games, etc. Convive com a mídia e meios de comunicação de forma momentânea e fatos reais vistos como espetáculos. A temporalidade real não é resgatada pelos homens dessa época. A sociedade educa sob a força da comunicação midiática, sendo consumidores de uma

realidade de disfarce e há uma ausência de compreensão do conceito do homem enquanto indivíduo no qual o interesse pelo conjunto desaparece. O descompromisso com o outro, a falta de percepção do outro, sendo um sujeito sem identificação com seus pares, torna-se incapaz de dimensionar e/ou perceber alguém que não seja ele próprio e com isso não estabelece laços de reciprocidade e vínculos, suas amizades são momentâneas e suas comunicações são on-line. Sem pares e sem perspectivas, não brota o sentimento de responsabilidade e sim princípios de caráter de autonomia sem responsabilidade. Isso caminha junto com um sujeito que desenvolve situações como: déficit de atenção, desmotivação, indisponibilidade para reflexão. Fenômenos com os quais a escola está convivendo (NAGEL, 2005, p. 04-08).

Sobre este aspecto vale ressaltar as discussões apresentadas por Gómez e Vila (2003, p.15), que argumentam que durante anos a escola e a família foram as duas instituições encarregadas de educar e formar as novas gerações. Hoje, porém, isso já não é possível: a família está passando por grandes transformações e muitas vezes, delega sua função educativa tradicional a outros agentes, como a televisão ou a própria escola. Esta por sua vez não pode enfrentar sozinha todos os desafios apresentados pela nova sociedade da informação. A crise da escola não só agrava como também aumenta a sensação de desvalorização social. Para esses autores, a instituição escolar está distante dos interesses de certos alunos, vivem imersos em uma sociedade complexa, às vezes com famílias desestruturadas, mergulhados em mensagens televisas carregada de violência, com mensagens de consumismo, individualismo e competitividade; e tudo isso que faz parte da sociedade entra na escola sem que ela tenha capacidade suficiente para anular seus efeitos.

Vale salientar que é preciso que os educadores em sua ação pedagógica contribuam para que os alunos adquiram consciência do valor de si e do outro como sujeito de direito e que a escola trabalhe com um currículo no qual os conteúdos e a apropriação do conhecimento façam sentido e se tornem significativo para a vida em sociedade.

Cunha (1994) aborda o quanto a escola tem passado por momentos de crises que afastam o processo de desenvolvimento da criticidade em virtude da gama de atrativos que concorrem com o ambiente escolar deixando a atividade de autonomia do pensamento e da reflexão para um segundo plano, isso se

deve a uma série de fatores, dentre os quais o acelerado desenvolvimento científico se encontra no centro desse momento chamado crítico.

O mundo ao redor é mais atrativo que a sala de aula. A manifestação da informação e alienação programada contribui para o não descobrimento do raciocínio crítico. As mensagens e os meios de comunicação são tecnicamente muito mais eficientes que a escola (CUNHA, 1994, p.124).

Para tanto, nem sempre o educando está motivado para a assimilação do conhecimento escolar, nesse ponto entra a figura do professor em sala de aula no que concerne ao interesse para a aprendizagem de modo que crie mecanismos e estratégias para que o aluno possa pensar/ refletir, dialogar, se expressar e estabelecer sintonia entre conhecimentos prévios e conhecimentos científicos.

Nesse sentido, para que a escola não perca sua função, que é a construção do conhecimento sistematizado, o qual se concretiza no interior da mesma, é preciso que ela desenvolva no educando atitudes positivas com relação ao aprender e estudar, pois há indícios de que quando não é seduzido pelo desejo de aprender, o foco se direciona ao desinteresse e uso indevido de aparelhos celulares em sala de aula, reflexo da decorrência de uma gama de informações permeadas pelo meio social. Além disso, vivemos em uma sociedade que não oferece melhores expectativas de vida, de trabalho e de futuro para os nossos jovens. Daí a importância de um olhar mais sistêmico para esses alunos que frequentam as escolas públicas, tendo como desafio transformar essas informações de circulação social em conhecimentos mais elaborados do saber escolar. A escola como promotora da formação integral, necessita trabalhar com estes diversos alunos como espaço de pluralidade, tanto em questões curriculares como em sua própria organização pedagógica de forma que atenda às demandas da sociedade contemporânea.

Corroborando com essas discussões, é possível citar aqui estudo de Charlot (2013). Esse autor diz que a escola para os jovens de hoje representa uma obrigação imposta pelos adultos para terem “uma vida normal”. Outro aspecto que merece atenção na visão do autor é a nova relação com o desejo. Prossegue dizendo que:

Vivemos em uma sociedade que visa ao desenvolvimento econômico, que precisa do consumo e, para consumir, necessita do desejo. Assistimos a uma legitimação do desejo. Portanto, os professores têm de satisfazer desejos e, por conseguinte, a aula tem de ser interessante. Se for chata, o aluno não vai acompanhar ou, no máximo, vai apenas memorizar para se sair bem na prova. Mudanças na relação com o saber e na relação com o desejo: ambas geram problemas para o professor (CHARLOT, 2013, p.19).

Ainda reportando-se para as palavras de Charlot (2013) que adverte:

Vivemos em uma sociedade que valoriza a juventude (tem que ser novo, bonito, moderno), mas não gosta dos jovens, que são as principais vítimas do desemprego, das drogas e da violência. O indivíduo nunca foi tão livre, e o sujeito, tão abandonado. Portanto, penso que a escola deve, ao mesmo tempo, adaptar-se e resistir. É seu papel preparar os jovens para o mundo do trabalho e acolher as novas tecnologias, mas não só isso. Ela deve ainda, e antes de tudo, ser uma fonte de sentido para que cada jovem possa construir sua relação com o mundo, com a vida, com os outros e consigo mesmo. Ela deve ser fonte de um prazer específico, o prazer de entender a vida e de se sentir inteligente (CHARLOT, 2013, p.20).

O modelo de escola que está posta nos dias atuais precisa fundamentar-se tanto em saberes científicos, como também, apoiar-se em outras fontes de legitimação e interesses dos alunos, pois os mesmos estão imersos em ambientes bombardeados por informações advindas do meio social. Com isso, estabelecer relações e sentido do que se aprende na escola com as informações midiáticas. Em outros termos Sancho (2013) afirma que à medida que aumentam as fontes de informações, o conhecimento torna-se mais complexo e menos permanente. Os alunos necessitam de mais orientação e suporte para dar sentido não apenas às disciplinas e aos temas que estudam, mas também ao mundo ao seu redor.

A educação da juventude, e sua relação com a escola, portanto: “tem sido” alvo de debates para profissionais que atuam na mesma, Dayrell (2007, pag. 1106) coloca que os jovens veem a escola como distante dos seus interesses, tornando-se cada vez mais uma obrigação necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Esse autor acrescenta que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade e que afetam as instituições e o processo de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. A questão que se

coloca é a condição juvenil atual, na qual se manifesta um novo modo de ser jovem, sua cultura, necessidades e mudanças; tudo isso refletindo direta e indiretamente na escola, faz com que a mesma seja repensada para responder aos desafios que a juventude traz para seu contexto.

É necessário salientar que a condição juvenil vem se constituindo e transformando nas últimas décadas. Mudanças referentes a questões socioculturais e no mundo do trabalho, que delimitam ao universo de experiências e possibilidades, gerando com isso desinteresse e ausência de perspectiva para um futuro tão incerto para a juventude. Os jovens enfrentam muitos desafios em sua trajetória de vida, entre os quais se destaca o empenho pela própria sobrevivência, numa luta constante entre a busca da gratificação imediata e um possível projeto futuro, pois vivem em função do trabalho para garantia de seu consumo (DAYRELL, 2007).

Ainda Dayrell (2007), destaca:

A escola é invadida pela cultura juvenil, porém é necessário que esta estabeleça relação entre a condição de aluno que recebe em seu contexto e a condição da formação geral deste jovem, em questões de aprendizagem, motivação e sentido de estar na mesma. Não é tarefa fácil, pois o aluno chega à escola e junto uma gama de fatores externos (o seu lugar social, a realidade familiar, o espaço onde vive etc.) e internos (a infraestrutura, o projeto político pedagógico etc.). A dupla condição de ser jovem e ser aluno são difíceis de ser articulada, que se concretiza em práticas e valores que vão caracterizar o seu percurso escolar (DAYRELL, 2007, p. 1120).

Na visão de Dayrell (2007), a escola se constitui um espaço de socialização e trocas subjetivas, mas também cenário de competição, conflitos e violência. Segundo ele:

A sala de aula também se torna um espaço onde é visível a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Nela ocorre uma complexa trama de relações de alianças e conflitos entre aluno e professores, com imposição de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão. Nesse cotidiano, o jovem aluno vivencia a ambiguidade entre seguir as regras escolares e cumprir as demandas exigidas pelos docentes, orientadas pela visão do bom aluno, e ao mesmo tempo, afirmar a subjetividade juvenil por meio de interações, posturas e valores que orientam a ação do grupo. Outro aspecto a salientar é a questão da relação existente entre aluno e professor onde há mudanças efetivas quanto à autoridade do professor, sendo que os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural (DAYRELL, 2007, p. 1121).

Outra questão a ser pensada é que ser aluno e ser jovem reflete também na relação com o conhecimento e o processo de ensino e aprendizagem. Como diz Dayrell (2007), críticas apontam para um currículo distante da realidade do aluno e que são trabalhados pelos professores de forma que não haja envolvimento com a vida cotidiana do educando e não atribuindo significado e sentido pelo que é ensinado na escola repercutindo assim o desinteresse por parte do aluno.

Em relação ao currículo Carmo e Correa (2007, p. 24) enfatizam que “os alunos não são receptáculos de informações descontextualizadas, mas sujeitos ativos do processo educativo. Precisamos superar o descompasso entre o currículo e a vida cotidiana, entre os conteúdos escolares e as demandas da vida prática”. Isso quer dizer que, quando os currículos dialogam com a realidade ou aproximam do dia a dia vivenciado pelos jovens, pode ocorrer uma efetiva construção de significado sobre o conhecimento. Os alunos podem usufruir dos conteúdos apreendidos na escola e, com isso, atribuir um sentido positivo à própria escolarização.

Assim ao estudarmos os processos atuais da educação é importante mencionar uma abordagem de Schilling (2004), em seu artigo: *A sociedade da Insegurança e a Violência na Escola* descreve que a escola é estudada como lugar da superação das desigualdades sociais, da construção da democracia e dos direitos humanos. Ao mesmo tempo, também lugar da reprodução das desigualdades sociais, das desigualdades de gênero, raça e exclusão social.

Com as transformações instantâneas impostas pela contemporaneidade muitas vezes nos deparamos com um futuro incerto em relação a conquistas sociais e o mundo do trabalho pelos educandos, onde são desejosos de acesso aos padrões de consumo Sposito (2001, p.99; citado por Schilling, 2004, p.71), ressalta que há uma profunda crise da eficácia socializadora da educação escolar nesse processo de mutação da sociedade brasileira, que oferece caminhos desiguais para a conquista de direitos no interior da experiência democrática. Pelas colocações de Schilling (2004, p. 74) outra ressalva a ser feita é que não existe a possibilidade de pensarmos na escola como uma instituição homogênea, com uma única possibilidade de

expressão, seu Projeto Político Pedagógico reflete o conjunto de relações entre os integrantes no cotidiano escolar.

Schilling (2004) salienta que:

A violência da discriminação está na escola, alunos se queixam por serem discriminados pelos professores, e professores se queixam da ausência de reconhecimento social, ambos sofrem impedindo o acesso a um futuro sonhado. Os jovens falam da discriminação racial e física, por não estarem conforme o modelo padrão, boa aparência, etc. Assim ao mesmo tempo em que os professores carregam em seus ombros a responsabilidade pela educação das novas gerações, há certa contradição quanto à sua autoridade e este já não consegue resolver os conflitos de forma pacífica, onde ocorrem as agressões mútuas. É preciso analisar porque acontece a desistência do professor em ensinar e do jovem em aprender, assim a escola já não cumpre seu objetivo principal que é ensinar e aprender (SCHILLING, 2004, p. 83-87).

Para Silva e Arcanjo (2012), estudos realizados em décadas anteriores ocasionaram mudanças relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem e à construção social do conhecimento, com isso um novo olhar se volta aos recursos e suporte que subsidiam práticas pedagógicas diferenciadas e inovadoras.

Segundo os autores novas perspectivas metodológicas são pautadas no contexto escolar, e que com isso abrange também novos papéis sociais para os atores envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, o professor assume a postura de mediador e estabelece elos entre o aluno e o conhecimento (SILVA; ARCANJO, 2012).

De acordo com Sforni (2009), é somente na relação entre sujeito-conhecimento-sujeito que a mediação se torna um conceito fundamental ao desenvolvimento humano. A mediação não se restringe a relações democráticas em sala de aula, o foco específico situa-se nos conteúdos a serem ensinados e o modo de torná-lo próprio ao aluno. Isto significa que a mediação docente começa muito antes da aula propriamente dita. Seu início ocorre já na organização da atividade de ensino, quando se planejam situações de comunicação, prática verbal entre professor e estudantes, entre estudantes e estudantes em torno de ações com o objeto da aprendizagem.

Ainda sobre o papel da mediação dos conhecimentos sistematizados como adjunto para o processo ensino aprendizagem e a prática pedagógica docente Klein, (2009) ressalta que:

A prática pedagógica são procedimentos em que alunos e professores são coautores do processo ensino e aprendizagem, a construção do conhecimento não se efetiva de forma mecânica e acrítica e sim uma participação ativa do educando sob a mediação do professor, no qual ambos são sujeitos do mesmo processo, mas com participação diferenciada, ao professor, enquanto detentor dos fundamentos do conhecimento científico cabe o papel de mediador, ou seja, de desenvolver procedimentos adequados para viabilizar a apropriação desse conhecimento pelos alunos. A estes cabe o esforço teórico-prático dessa apropriação (KLEIN, 2009, p.34)

Pelas colocações de Klein (2009), o processo pedagógico desenvolvido em sala de aula se torna ativo na medida em que o professor domina os fundamentos da prática pedagógica e teóricos explicativos do objeto do conhecimento e, apoiado neste pressuposto estabeleça métodos e estratégias mais apropriados ao processo ensino aprendizagem, para que o mesmo aconteça de forma efetiva e participativa.

No atual cenário educacional precisamos lançar um novo olhar sobre a escola principalmente no que diz respeito ao currículo e organização pedagógica capaz de criar as condições necessárias de atender e compreender os sujeitos que dela participa. Contudo sabemos que os alunos são nativos digitais e estão inseridos numa cultura midiática que, de certa forma, repercute nos conteúdos curriculares e atividades desenvolvidas em sala de aula. Em função disso, Gadotti (2000) afirma que:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações (GADOTTI, 2000, p. 06).

Assim, podemos dizer que o compromisso com a organização do trabalho docente frente aos desafios postos na educação atual é o de manifestar habilidades de ensino incentivando a participação do aluno, estabelecendo a interação, o diálogo, e o respeito às divergências entre os

sujeitos aprendizes, com ênfase no uso da linguagem compreensível, para que assim eles possam apreender e relacionar os conteúdos trabalhados com suas experiências cotidianas, a fim de que os conhecimentos se tornem mais significativos. Com isso destaca-se a autonomia do aluno na construção do conhecimento e o saber escolar não é visto como uma obrigação a ser cumprida, a escola o local de apropriação do conhecimento científico, para que possam usufruí-lo como cidadãos capazes de atuar numa sociedade moderna e complexa.

Desta forma, o professor deve ter uma postura de mediador do conhecimento, ou seja, deve organizar situações de aprendizagem articuladas entre o aluno e o conhecimento, orientando-os e estimulando-os à construção do mesmo, contextualizando assim os conteúdos curriculares com situações cotidianas para que possam ser apropriados de forma significativa.

Os estudos dos autores elencados neste trabalho vêm ao encontro com nossos anseios no sentido de mostrar que a escola em sua ação pedagógica precisa ser refletida à luz de sua realidade educacional e social, bem como: que alunos temos e que aluno se quer formar. Enfim, estabelecer vínculos com as necessidades e interesses dos alunos em que a instrução esteja centrada na transmissão e apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e não somente nas informações.

## **ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS**

A pesquisa tem como ponto de partida a queixa de professores em relação à falta de interesse dos alunos pela aprendizagem escolar, uso indevido do celular, apatia pelos conteúdos trabalhados, por serem imediatistas e por se contentarem com muito pouco.

O referido trabalho conta com diversas ações para a coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, conversas informais, questionários respondidos pelos alunos, relato dos mesmos e observações nos espaços escolares.

A investigação se deu no âmbito da escola pública de ensino (rede estadual do Paraná) com a participação de alunos que frequentam os Anos Finais do Ensino Fundamental e jovens do Ensino Médio, abrangendo

aproximadamente 67 participantes. Buscou-se compreender a representação da escola na formação individual, social e intelectual dos mesmos.

Foi questionado aos alunos sobre o sentido da escola em sua vivência, e a partir das respostas apresentadas, foram identificados três perfis de alunado e, assim, classificados em três grupos para análise dos resultados, que denominaremos grupo A, B e C:

O sentido em relação à escola para o grupo A:

“A escola é fundamental para o conhecimento, pois com este a pessoa torna até mais respeitável [...] a escola serve para termos um futuro melhor, nos despertar para a curiosidade de aprender, preparar para uma faculdade e direcionar para uma profissão [...] estar na escola é muito importante, pois às vezes penso que estou no colégio enquanto que milhares de adolescentes estão nas ruas usando drogas, se prostituindo e isso é triste”. (alunos de 3º ano do Ensino Médio).

Percebe-se nesse grupo que a escola representa o espaço para a busca do conhecimento sistematizado, a possibilidade de melhorar a condição de vida adquirindo o conhecimento escolar e dar prosseguimento nos estudos.

Para o grupo B:

“A escola prepara a pessoa para a vida e pode ajudar no mercado de trabalho e encaminhar o ser humano na sociedade e ao convívio no mundo [...] se estudar pode ter um bom emprego e ser alguém no futuro”. (alunos de 3º ano do Ensino Médio).

Para esses alunos a escola serve para ingressar no mercado de trabalho, não visualizando o conhecimento escolar como importante para seu crescimento intelectual, priorizando apenas o convívio social e o capitalismo.

Para o grupo C:

“A escola serve para ensinar coisas para enfrentar o mundo lá fora, assim não ficamos perdidos quando arrumamos um emprego [...] para a gente ter um serviço digno, não gostamos de estudar, mas temos que ficar na escola, não faltar e não perder as matérias se não reprova”. (alunos de 3º ano do Ensino Médio).

Conforme relato desses alunos a escola apenas possibilita a obtenção do diploma para conseguir um espaço melhor no mercado de trabalho. Observa-se entre eles perspectivas de não prosseguimento dos estudos.

Em análise do questionário respondido pelos alunos e pelas informações levantadas fica evidente que a escola numa visão geral dos alunos representa o local para obter novos conhecimentos, preparar para um futuro melhor e, quanto a importância da escolarização, “para ser alguém na vida”, no sentido de direcionar para a faculdade e/ou oportunidades no mundo do trabalho.

Seguem exemplos dessa constatação coletados em questionário amostra realizado em março de 2014.

#### **Em sua opinião para que serve a escola?**

Aluno 1: “A escola é um meio para nós aprofundar os nossos conhecimentos é a faculdade da vida, a metade do conhecimento você aprende na escola” (9ºano).

Aluno 2: “A escola serve para aprender muitas coisas, por exemplo: ler, escrever, fazer os cálculos e conhecer as matérias que vai servir muito para a minha vida e para entrar na faculdade” (9ºano).

#### **Qual o sentido, significado da escola em sua prática cotidiana?**

Aluno 1: “A escola traz o conhecimento [...] para tudo que fazemos no cotidiano e o que a gente vive é da escola que vem. O que se aprende aqui no colégio se usa lá fora [...] precisamos do estudo e também da escola para aprender e garantir o futuro” (9ºano).

Aluno 2: “A escola é a fonte dos meus atos, pois para agir preciso saber e isto eu aprendo na escola” (3ºano).

Aluno 3: “A escola me ajuda a lidar com os problemas diários, nos prepara e orienta para a vida” (3º ano).

#### **Para você o que é estar na escola, gosta de estudar?**

Aluno 1: “É ter oportunidade de adquirir novos conhecimentos, gosto muito de estudar” (3ºano).

Aluno 2: “Estudar todos os dias cansa, falar a verdade, mas é bom temos que nos preparar para o futuro, ter um bom emprego e uma profissão melhor” (3ºano).

Aluno 3: “Estar na escola para mim é uma consciência de conseguir um futuro melhor” (9ºano).

**O que aprende na escola é importante para sua vida?**

Aluno 1: “O colégio é um passo para o aluno fazer o vestibular e depois cursar a faculdade e fazer sábias escolhas” (3ºano).

Aluno 3 : “O momento em que se passa na escola é um resumo do que vai ser no futuro” (9ºano).

**O que você mais gosta de fazer na escola?**

Aluno 1: “Aprender coisas novas, trocar ideias, fazer novas amizades”(3ºano).

Aluno 2: “Debater com os professores sobre a matéria, pois acredito que isso me ajuda em maior porcentagem de aprendizado” (3ºano).

Aluno 3: “Gosto de estar com os amigos é como se fosse um lugar de encontro, gosto de ouvir quando estou errada, para que eu possa melhorar como pessoa e ser uma cidadã melhor em nossa sociedade”(3ºano).

Observou-se nos relatos dos alunos que frequentam o ensino médio que a escola, além de aprofundar os conhecimentos, é o local de socialização e fazer amizades.

Cabe ainda ressaltar outra questão elencada ao questionário descrito neste trabalho, a qual objetiva investigar a visão do aluno quanto aos encaminhamentos metodológicos dos conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula.

**Os professores (as) contribuem para as aulas e o estudo se tornarem mais interessantes?**

Aluno 1: “Nem todos, há professores que são bem desanimados e acabam enrolando nos conteúdos. E isso me incomoda” (9ºano).

Aluno 2: “Depende, tem professores maravilhosos que ensinam perfeitamente e as aulas se tornam interessantes. Mas tem professores que suas aulas acabam ficando chatas” (3ºano).

Aluno 3: “Alguns, os alunos notam quando o professor vem com sua aula preparada e com objetivo. Vemos quando a sua intenção realmente é de ensinar. Porém, temos muitos professores que estão sempre buscando algo

mais para seus alunos, e esse sim só não ensina, como também aprende” (3ºano).

Aluno 4: “Sim, tem professores que trazem vídeos para nós, as vezes na explicação não entendemos, mas vendo na prática fica mais claro e com isso aprende melhor” (3ºano).

Aluno 5: “Sim, eles tentam passar para os alunos tudo o que sabem e da melhor forma possível” (9ºano).

Aluno 6: “Sim os professores contribuem muito, o aluno não aprende porque não quer” (9ºano).

Aluno 7: “Alguns, porque tem uns que passa o conteúdo e fim, não torna a aula mais legal” (9ºano).

Aluno 8: “O aluno que disser que os professores não contribuem para as aulas e o estudo se tornarem mais interessantes, na minha opinião estão mentindo, pois os professores são capacitados para esse serviço. Depende da matéria e do interesse do aluno nas aulas” (3ºano).

Aluno 9: “As aulas são realizadas de maneira direta, às vezes com pouco diálogo, o que dificulta de certa forma o entendimento” (1ºano, Ensino Médio).

A coleta de dados no mostra que dos 53 alunos que responderam a questão, 24,5% disseram que “sim”, os professores contribuem para as aulas serem mais interessantes, 3,7% relatam que depende do interesse do aluno, e o restante dos 71,8% dos alunos afirmam que nem todos dependem do professor para serem motivados a aprender.

A entrevista é outra ação integrada ao presente trabalho, pois além de buscar informações sobre como os alunos atribuem sentido e significado aos conteúdos estudados na escola, também oferece subsídios quanto à percepção da organização da prática pedagógica do professor em sala de aula. Mostra também que em certos casos os alunos vão para a escola para conseguir o diploma, pois, caso contrário, não vão conseguir um espaço melhor no mundo do trabalho. Porém, os resultados afirmam que se o aluno conseguir traçar um projeto futuro e expectativa de vida, vai se sentir motivado para estudar.

Em conversa informal com alguns alunos observa-se que o conhecimento escolar é visto como indiferente e a escola é reflexo de obrigação e não satisfação.

Paulo<sup>2</sup> diz que estuda para aprender os conteúdos e que dependendo do emprego não consegue entrar, se não tiver o estudo.

João voltou a estudar porque desejou entrar em um determinado trabalho e foi barrado, pois não possuía o ensino médio, escolaridade exigida no momento, e fala que se arrependeu de não ter concluído anteriormente, por isso é que está se esforçando para terminar, e desabafa: “É muito difícil trabalhar o dia todo e ainda vir para a escola”.

Samuel coloca que gosta de estudar e se continuar os estudos acredita que a escola vai lhe dar futuro, e vai ajudar muito, pois agora estão exigindo o ensino médio para qualquer emprego afirma ele. “é cansativo trabalhar e estudar, mas temos que fazer um esforço para ficar na escola. Tem muitos colegas que vem para a escola por uma obrigação, às vezes não presta atenção fica fazendo zoeira, não se interessa pelas atividades e fica mexendo no celular. O professor pede para desligar, mas eles olham escondidos”.

O estudo para Natália é importante porque sem ele não se chega a lugar nenhum, segundo ela estuda também para passar no vestibular e prosseguir os estudos. Em seu depoimento relata que certos colegas não vêm realmente para estudar, dorme na sala e fica mexendo no celular. Alguns colegas de turma vão pela cabeça dos outros, querem se enturmar, sentir parte do grupo e não se interessam pelas aulas. “Nós temos objetivos futuros enquanto eles não os têm e atrapalham muito”.

A escola para Gustavo serve para um direcionamento futuro. “A escola nos prepara para fazermos escolhas na vida, cursar uma faculdade e ter uma boa profissão, procuro dar o melhor de mim, ir bem às avaliações e ficar com notas boas”. Gustavo acredita que a escola possa ajudá-lo em sua vida futura, pois para ele é o começo de tudo que se quer fazer futuramente, “ela nos dá oportunidade de vida”.

---

<sup>2</sup> Os nomes utilizados são fictícios e representam os alunos participantes da pesquisa.

Lorena também percebe a escola de forma positiva, acredita que prepara para um futuro melhor, como a mesma afirma: “Um dos aspectos positivos da escola hoje é nos preparar para o mercado de trabalho, sermos bons profissionais, buscando sempre mais o conhecimento e também melhor emprego”. Lorena acredita que a escola possa ajudá-la em sua vida futura e complementa: “nos proporciona conhecimento que vamos utilizar em nossa vida”.

Tais admite que a escola representa um espaço de auto-realização, pois foi questionada e afirmou: “ Ela complementa as nossas decisões do futuro”. Tais ainda enfatiza que uma das fontes de motivação para se obter sucesso na escola é uma boa preparação para o mercado de trabalho.

Dificuldade em relacionar a utilidade de alguns conteúdos estudados com a experiência de vida não é o único motivo que leva os alunos a não interessar pelos estudos. Eles se queixam também da postura do professor no que se concerne a questões didático-metodológicas.

José gosta de estudar, mas se queixa do trabalho de certo professor, diz que: “tem professor que não importa se o aluno aprendeu ou não, ao contrário de outros professores que ensinam e interagem cada vez mais”.

Igor também se queixa de situação da mesma natureza: “o que deveria mudar para melhor é a maneira como alguns professores lidam com os alunos”.

Izabel relata que é bom estar na escola, e alguns professores são cativantes quanto à transmissão dos conteúdos, outros são cansativos em suas aulas. Helena também fala que vários professores são bons para ensinar as matérias, o que atrapalha é o desinteresse dos colegas.

Lucas reclama que: “tem matérias que não vamos utilizar em nada em nossa vida e ainda tem professor que escreve muito e explica pouco, é muito ruim. Agora matemática sim, se utiliza em nosso serviço, principalmente quando ajudamos o mestre de obra a medir”.

Janaína apresenta um comportamento difícil e seu relacionamento com os professores não é agradável, segundo os professores às vezes se recusa em realizar as atividades propostas e não se interessa pela aprendizagem. Quando questionada declara que, até que gosta de estudar, mas a escola é

muito cansativa e os professores chamam sua atenção e isto a incomoda. Para ela os conteúdos das aulas não têm serventia para sua vida. E o certificado é que garante uma chance de entrar no mercado de trabalho.

Percebe-se nos depoimentos e nas conversas informais que parte dos alunos participantes concilia trabalho e estudo, assim, vários deles afirmam que é muito cansativo trabalhar durante o dia e ter muitas matérias repetitivas e enjoativas, e sem novos argumentos para despertar seus interesses. Desta forma há indícios que de que estão insatisfeitos com encaminhamentos metodológicos, organização de conteúdos trabalhados e práticas pedagógicas que despertem o interesse na busca do conhecimento.

O estudo também nos mostra que alguns alunos estão tendo dificuldades em articular a aprendizagem escolar com seu projeto de vida, embora muitos deles perceberem que a escola oportuniza a aquisição do conhecimento sistematizado fundamental para a realização de projetos posteriores.

Contudo, é relevante repensar o trabalho pedagógico na escola e os educadores estabelecendo um vínculo afetivo com os alunos para que haja um maior interesse pela aprendizagem e participação nas experiências escolares. O professor é a peça fundamental para auxiliar o aluno em sua trajetória escolar, traçando uma ponte de ligação entre o que se aprende na escola e na sala de aula com a vida e realidade social do mesmo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pela discussão, análise e estudo de resultados obtidos por meio da pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica realizada neste trabalho, podemos considerar que a escola necessita oportunizar ao educando uma aprendizagem significativa e a obtenção de subsídios culturais básicos para atuarem no mundo do trabalho e/ou dar prosseguimento nos estudos em níveis posteriores. E que também este conhecimento adquirido e socializado no espaço escolar deva repercutir de forma positiva nos projetos de vida dos alunos, bem como em suas expectativas e aspirações.

Nesse sentido é importante mencionar a identificação de três perfis de alunados presentes no espaço escolar e que podem ser classificados em três grupos distintos. O primeiro grupo corresponde aos alunos que visualizam a escola como promotora da socialização dos conhecimentos sistematizados fundamentais para a formação integral. E que por meio da escola possam adquirir subsídios culturais para o direcionamento na vida em sociedade, bem como em dar continuidade nos estudos em nível superior.

O segundo grupo representa os alunos que percebem a escola como espaço de sociabilidade e convivência, também como oportunidade de ingressar no mercado de trabalho satisfazendo as necessidades imediatas pressionadas pelo consumismo. O terceiro grupo corresponde os alunos que veem a escola como uma obrigação imposta pelos pais ou pela sociedade para manter o padrão de normalidade e/ou refúgio das mazelas vividas em casa, isso repercute na prioridade da obtenção do diploma e ocupação no mercado de trabalho rendendo ao capitalismo.

Percebe-se que o espaço escolar e sua organização pedagógica refletem em questões de motivação, interesse, participação e permanência dos alunos na escola. Vale ressaltar que se o aluno visualizar na escola, algo que contribua para o significado do processo ensino e aprendizagem e seu crescimento intelectual e social, a escola representa sentido tanto em termos de aquisição de uma vida melhor como em dar continuidade aos estudos.

Assim, a escola com seu Projeto Político Pedagógico e o coletivo de educadores precisam refletir, estudar e decidir a respeito de alternativas metodológicas para trabalhar os conteúdos curriculares de forma que estes conteúdos socializados em sala de aula façam sentido na vida dos alunos e que também num conjunto de educadores possam estabelecer vínculos afetivos e interacionamento humano com os mesmos.

No entanto, a escola enquanto espaço de diversidade, precisa acolher os alunos que se adentram a ela. Cumprir a sua função social que é a transmissão e apropriação dos conhecimentos sistematizados produzidos historicamente ao longo do tempo aos indivíduos que dela participa, para que assim os mesmos estejam preparados para atuar e interpretar de forma

autônoma, crítica e criativa em uma sociedade complexa, principalmente em lidar com as novas tecnologias e novas produções de conhecimentos.

Contudo é preciso que nós da Equipe Pedagógica e Professores concentrem nossa atenção na organização de um trabalho pedagógico que vise o enfoque dos conteúdos e atividades curriculares que dialoguem com as experiências e vivências dos alunos, e, a partir da bagagem cultural que trazem para a escola, sistematizar o conhecimento em sua forma mais elaborada do saber escolar.

Também se faz necessário, que a equipe de educadores conheça a realidade de alunados com quem trabalham, para assim construir metodologias de ensino que objetive a potencialidade do aprendizando levando em conta as especificidades e características dos mesmos.

O trabalho com o auxílio dos recursos tecnológicos disponíveis na escola, com objetivos pedagógicos, também favorecem a aprendizagem dos alunos de forma dinâmica e interativa.

Outra indicação a ser feita é a importância do estímulo ao envolvimento e participação dos alunos nos espaços escolares, para que possam sentir parte do processo educativo.



## REFERÊNCIAS

- CARMO, H. C. do; CORREA, L. M. – Ensino Médio no Brasil – **Presença Pedagógica**, Minas Gerais, V.19, Nº112, p. 21-28, jul./ago. 2013.
- CHARLOT, B. – **É preciso reinventar a escola** - Entrevista à revista **Pátio**, Nº 18, p. 18-21, Set./Nov. 2013.
- CUNHA, M. I. da. – **O bom professor e sua prática**- 4ªedição- Campinas SP; Papirus, 1994, pág.81-127.
- DAYRELL, J. – **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**- Educ. Soc., Campinas, vol.28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- GADOTTI, M. – **Perspectivas Atuais da Educação** – São Paulo Em Perspectiva, 14(2) 2000- p.3-11.
- GÓMEZ, C.; Vila, I. – **A cidade como Projeto Educativo** – **Pátio**, Nº 17, p. 15-17, Jun/Ago 2013.
- KLEIN, Dra. L. R. – **Fundamentos para uma Proposta Pedagógica**- Seleção de textos – NRE: Loanda, CGE; outubro 2009.
- NAGEL, H. L. – **A Educação dos alunos (ou filhos) da Pós-Modernidade** (CESUMAR), 2005, p.01-12. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?output=search&client=psy-ab&q=L%C3%ADzia+Helena+Nagel+A+educa%C3%A7%C3%A3o+dos+alunos+%28filhos%29+da+p%C3%B3s+modernidade&btnK>> Acesso em 06/02/14.
- SCHILLING, F.- **A sociedade da insegurança e a violência na escola** - São Paulo: Moderna, 2004, pág. 60-94.
- SFORNI, M. S. F. **Aprendizagem e Desenvolvimento: o papel da Mediação** (UEM) - Seleção de textos – NRE: Loanda, CGE; outubro 2009.
- SILVA, S. P. da; ARCANJO, J. G. **Uma perspectiva Histórica da prática pedagógica** – Presença Pedagógica, PE, p. 21-24; V.18, Nº 107, set./out. 2012.